

***A Grammatica Portuguesa-Italiana*, de José Morena,
e o ensino de língua estrangeira no Brasil do século XIX.¹**

Patricia Maria Campos de Almeida²

- Introdução

Se wo were fi na wo sankofa a yenkyi. Este é um provérbio que – traduzido do twi³ para o português – significa “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”⁴. A ele está associado o símbolo do Sankofa⁵ que integra o conjunto de Adinkras. Estes, por sua vez, podem ser definidos como símbolos visuais criados pelos Ashanti⁶ com os quais transmitem sua sabedoria ou conhecimento tradicional acerca dos aspectos da vida ou do meio ambiente, por exemplo. Esses símbolos - que têm significado complexo - estão frequentemente associados a ditames, fábulas ou provérbios, a exemplo daquele que abre este artigo. Uma só imagem gráfica pode expressar, portanto, crenças ou conceitos filosóficos. O Sankofa é a imagem de um pássaro que tem as patas apontadas para frente, mas a cabeça voltada para trás em busca de seu ovo. Sankofa nos alerta para a possibilidade sempre existente de podermos voltar ao passado, às nossas raízes, para com ele aprender e, assim, realizar melhor nosso potencial no tempo presente e, por fim, avançar rumo ao futuro. Trata-se, portanto, em resumo, da sabedoria em aprender com o passado para entender o presente e moldar o futuro.

O Sankofa se relaciona com a proposta deste trabalho por resumir nossa crença na importância de conhecermos bem o que já foi feito na área de ensino de língua estrangeira (LE) para que possamos avançar de modo consistente. Significa também garantir espaço para aqueles que vêm sendo apagados da história da área de LE, incluindo suas obras, a exemplo do que ocorreu no Brasil com os imigrantes e sua importante contribuição como elaboradores de materiais didáticos para, por exemplo, ensino de Português Língua Estrangeira (Júdice e Almeida, 2006; Almeida, 2011; Almeida e Júdice, 2016).

¹ Trabalho desenvolvido no âmbito do Programa de Apoio à Pesquisa, da Biblioteca Nacional – Edital 2017.

² Professor Associado da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

³ twi – uma das inúmeras línguas faladas pelos povos da etnia Ashanti (ou Axante).

⁴ Outra tradução comumente associada é “nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás”.

⁵ Agradeço ao meu aluno Muslim Hussein, de Gana (Turma PC-G 2018), pelas horas de conversa e pelos esclarecimentos sobre os Adinkras e seu significado em sua cultura.

⁶ Ashanti – também grafado como Axante – refere-se a uma das etnias que, ao lado de outras tantas como Fante, Akwamu, Akyem, compõe o denominado grupo étnico Akan. Este é referenciado como o mais numeroso grupo étnico dentre todos de Gana.

Em consonância com o exposto anteriormente, a presente pesquisa se fundamenta nos princípios de uma pesquisa de caráter historiográfico, circunscrevendo-se no âmbito da Historiografia Linguística (HL) e mais especialmente naquele ramo descrito por Swiggers (1998) como historiografia do ensino de língua estrangeira.

No que diz respeito à denominada Historiografia Linguística, Altman cita como seus objetivos, “descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo” (Altman: 2009, p. 128). Lembra a autora que “as maneiras pelas quais o conhecimento linguístico se produziu, desenvolveu, foi divulgado e percebido, também fazem parte da sua história” (op. Cit.). Tal como preconizado pelo Sankofa, temos aí também a valorização daquilo que já foi construído em termos de conhecimento linguístico e a importância dessa história para melhor entendimento do presente, lembrando, no entanto, que o conhecimento produzido hoje tem, por si só, uma natureza inevitavelmente provisória.

Sobre o objeto de investigação do historiógrafo, Swiggers (2013) ressalta que os textos aos quais os pesquisadores da área de linguagem se dedicam são “o reflexo (ou depósito) material da história da linguística”. Precisamos, então, olhar para esses textos – que podem ser gramáticas, vocabulários, textos teóricos, livros didáticos e até mesmo autobiografias, memoriais, prefácios, correspondências, entre outros – como fontes de estudo a respeito do desenvolvimento das ideias e práticas linguísticas (Malkiel, 1969; Swiggers, 1982; Altman, 2012). Tal como assinalado anteriormente, a investigação que envolve esses textos significa a realização de um estudo situado no tempo e que considera o contexto de sua época.

Estamos nos referindo, desse modo, a um estudo em profundidade a respeito da obra e, como dito, do conhecimento linguístico que ele consubstancia, mas também a uma análise crítica das tensões do tempo em que a obra veio a público e um estudo a respeito dos atores envolvidos. De acordo com Altman (2012):

Colocar o processo de produção do conhecimento linguístico em perspectiva histórica significa buscar, na medida do possível, uma documentação paralela ao texto publicado que nos serve de fonte, que pode incluir desde a correspondência (incluindo eletrônica) entre dois autores até anotações de leitura, notas de aula, de conferências e assim por diante.

Aproximando a questão da área de língua estrangeira (LE) que é, por sua vez, aquela em que a obra *Grammatica Portuguesa-Italiana*, de José Morena, se insere, o diálogo com a historiografia pode trazer muitas contribuições. Para Swiggers (1998), aquele que se dedica a trabalhar com a historiografia do ensino de línguas é, antes de tudo, um analista de conteúdos e de práticas culturais, uma vez que o ensino de qualquer língua se dá em um contexto cultural e é, ele mesmo, uma atividade cultural. De acordo com o mesmo autor, o historiógrafo, nesse caso, lida com uma tripla dimensão. A primeira delas diz respeito a atitudes reflexivas do pesquisador sobre o ensino da língua estrangeira de modo geral; a segunda dimensão é aquela que diz respeito ao trabalho linguístico descritivo propriamente dito e a última dimensão é constituída pela contextualização do ensino de LE. Os princípios expostos por Swiggers (1998) a respeito da pesquisa no campo da Historiografia Linguística se coadunam com aqueles apresentados por Koerner (1995) e refletem a perspectiva adotada nesta investigação na medida em que buscamos recuperar - a partir da análise do conteúdo que é exposto na *Grammatica*, das palavras do autor sobre sua obra, bem como de outros documentos que sejam consultados por ocasião da realização da pesquisa - dados que nos auxiliem a compreender que visão de língua vigorava na época e o que se entendia como primordial no ensino de uma língua estrangeira. O livro didático se constitui, portanto, em um reflexo da mentalidade de seu tempo. Podemos, então, considerá-lo, não só um meio de acesso ao conhecimento do passado, mas também uma chave para melhor compreendermos aquilo que se constitui como o fazer pedagógico em língua estrangeira no presente.

A seguir, então, empreenderemos a análise das partes que constituem o manuscrito de José Morena intitulado *Grammatica Portuguesa-Italiana* e apresentaremos dados que nos auxiliaram a reconstruir uma parte da trajetória de seu autor. Espera-se, com isso, garantir ao autor e sua obra, um espaço na história do ensino de língua estrangeira no Brasil do século XIX.

- A *Grammatica Portuguesa-Italiana*

Nesta seção, trataremos de modo mais detalhado da obra que está sob investigação ou, na denominação proposta por Swiggers (1998) do produto didático-linguístico. Será realizada, primeiramente, uma análise pormenorizada dos seus aspectos físicos, incluindo aqueles que podem auxiliar a identificar com mais de precisão o período do século XIX em que a obra foi produzida. Além disso, trataremos também de aspectos relativos à organização do conteúdo da *Grammatica Portuguesa-Italiana*.

- Descrição física

A obra sob investigação, intitulada *Grammatica portugueza-italiana* e escrita por José Morena, encontra-se na Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional, armazenada no cofre da referida divisão, tendo o seguinte código de localização CF – 49, 07, 16. A ficha catalográfica informa que não há, na obra, dados que permitam identificar editor ou local de publicação [S.l.: s.n.]. Quanto ao ano de publicação, há apenas a indicação de que se trata de livro escrito no século XIX, sem precisão quanto ao ano [18--]. Mais adiante, veremos que informações obtidas a partir da análise da obra e do cruzamento de dados de diversas fontes permitem situar a obra de Morena dentro de uma janela temporal menor.

Do ponto de vista físico, a obra mede 35,0 x 24,0 e tem 323 folhas manuscritas, tendo sido utilizado apenas o anverso. Há, no entanto, algumas folhas com anotações no verso que serão objeto de comentário mais adiante. De modo geral, as folhas que compõem o corpo da *Grammatica* estão em bom estado de conservação, permitindo ao pesquisador – ou demais interessados – a leitura integral de seu conteúdo.

Ainda a respeito da descrição física da obra, trataremos a seguir de algumas características da capa. Em estudo que focalizou as estruturas das encadernações de livros do século XIX, Gonçalves (2008) discorre sobre o início da instalação da imprensa no Brasil, em 1808, com a chegada da família real, e do estabelecimento de livreiros e encadernadores. Além disso, o autor também detalha os processos de encadernação comuns na época e faz referência a “um estilo brasileiro de encadernação no segundo Reinado”.

Existiu um estilo brasileiro de encadernação no segundo Reinado, estilo esse que é característico das encadernações chamadas de Imperiais. Essas encadernações distinguiam-se pelas armas do Império, aplicadas geralmente no centro da capa do livro. Muitas delas são luxuosas: receberam revestimentos em couro *chagrin* ou marroquim verde, mosaicos e baixo relevo e incrustações em várias cores, lombadas com nervuras, seixas e cortes dourados à ouro, guardas em seda, brasões pintados à mão etc. (Gonçalves, 2008: 52)

Ainda sobre a presença das armas do Império, Mársico afirma que “a encadernação imperial é um tipo de encadernação armoriada (ou brasonada) de uso muito difundido no Segundo Reinado. Ela se distingue pelas armas do império em dourado, no centro das capas”. Sobre os materiais e cores empregados no processo de encadernação, podemos acrescentar que:

Um livro possuir as armas do Império na encadernação não significa que o exemplar pertenceu ao Imperador. Indica que pertenceu a alguma repartição pública. Eram encadernações oficiais. Nestes casos o couro da encadernação é verde e a combinação do ouro da gravação forma as cores nacionais, verde e amarelo. (Moraes, 1975, p. 64 *apud* Mársico)

A [cor] preferida era o verde, mas usava-se também veludo azul e roxo, ou, mais raramente o vermelho. (Id. Ibid.)

A descrição de Moraes a respeito das encadernações na época do segundo Reinado é corroborada não só no estudo de Mársico, mas também na já citada pesquisa de Gonçalves.

O estilo de encadernação descrito anteriormente pode ser observado no manuscrito de José Morena. A capa luxuosa recebeu revestimento em veludo verde. Em posição central, as armas do Império em baixo relevo colorido, com destaque para a cor dourada. Circundando a imagem, também em baixo relevo, observamos ornamentação dourada na parte mais externa e outra sem cor na parte interna (Fig. 1). Na contracapa – ou quarta capa – a mesma ornamentação é reproduzida (Fig. 2). A lombada, igualmente verde, apresenta a indicação do nome do autor e o título da obra. Além disso, há ornamentação em baixo relevo na cor dourada (Fig. 3).

Figura 1: Capa



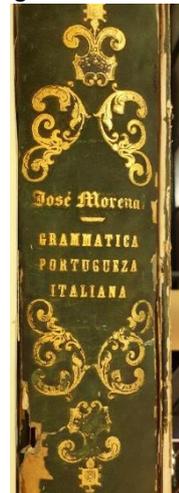
Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

Figura 2: Contracapa



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

Figura 3: Lombada



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

Na face interna da capa, encontramos a contra-guarda de tecido adornada por dois selos (Fig. 4). O primeiro deles, localizado no centro da contra-guarda, é o *ex libris* da Biblioteca

Nacional, cujo projeto foi concebido em 1903 por Eliseu Visconti⁷ (Pottker, 2006, p. 95) (Fig. 5). O segundo, posicionado no canto superior esquerdo, é o selo do encadernador, com indicação de seu nome e endereço (Fig. 6).

Figura 4: Face interna da capa



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

Figura 5: *Ex Libris* da Biblioteca Nacional



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

Figura 6: Selo do encadernador



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

Finalizando a descrição física da obra, destacamos o fato de que os três lados do corte foram revestidos a ouro (técnica de dourar o corte) (Fig. 7) e receberam gravação de motivos ornamentais (técnica de cinzelar o corte) com emprego das cores azul, branco e vermelho (Fig.8).

Figura 7: Corte revestido de ouro e ornamentado



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

Figura 8: Gravação em baixo relevo na área do corte



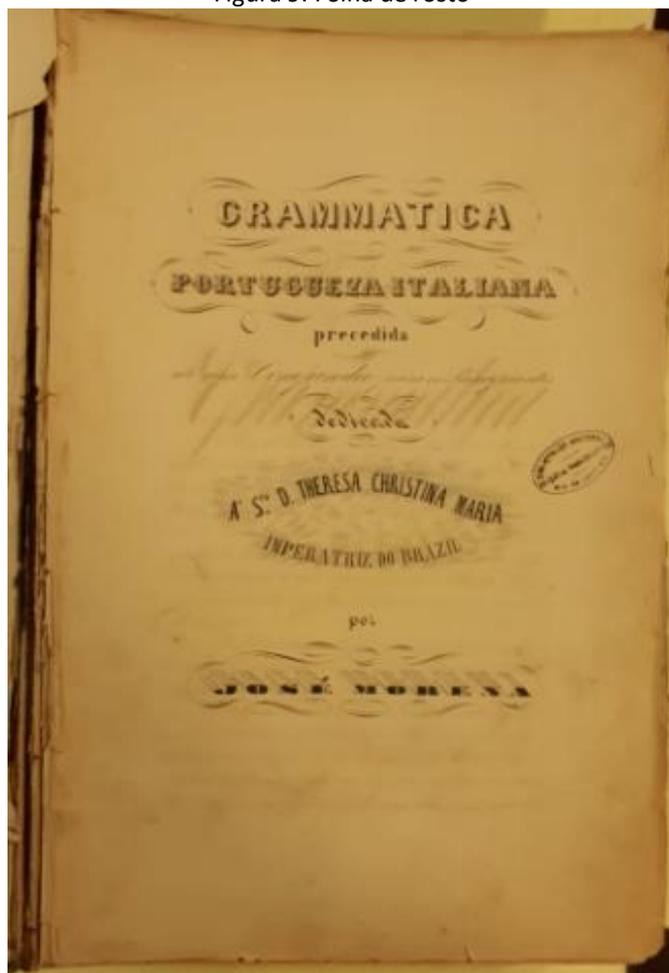
Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

Alguns elementos constantes da obra e observáveis a partir de sua análise física parecem fornecer dados que nos permitem situar a produção do manuscrito entre os anos 1853 e 1879.

⁷ Informações adicionais sobre o artista e sua obra podem ser obtidas na página do Projeto Eliseu Visconti, criado por Tobias Stourdzé Visconti, neto do artista. <https://eliseuvisconti.com.br/>

O primeiro e mais óbvio consta da folha de rosto (Fig. 9) e diz respeito à figura homenageada pelo autor da *Grammatica Portugueza-Italiana* – a Imperatriz do Brazil, Sra. D. Theresa Christina Maria. Ela se torna Imperatriz quando contrai casamento com D. Pedro II, em 1843, portanto. Este dado, então, parece indicar como improvável a possibilidade de a obra ter vindo à público antes do citado ano.

Figura 9: Folha de rosto



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

O segundo elemento a ser analisado na tentativa de situar a obra temporalmente diz respeito à reprodução das armas do Império gravada na capa em baixo relevo (Fig. 10).

Figura 10: Armas do Império em baixo relevo



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

A descrição dos seus elementos constitutivos faz parte do decreto de D. Pedro I, publicado em 18 de setembro de 1822, que dispõe sobre a bandeira nacional. A íntegra do decreto, reproduzida por Ribeiro (1933), encontra-se a seguir.

“Havendo o Reino do Brazil de que sou Regente e Defensor Perpetuo, declarado a sua emancipação política, entrando a ocupar na grande família das nações o lugar que justamente lhe compete, como nação grande, livre e independente; sendo por isso indispensável que elle tenha hum escudo real d’armas, que, não só se distingão das de Portugal e Algarves até agora reunidas, mas que sejam características deste rico e vasto Continente; e desejando eu que se conservem as armas que a este Reino forão dadas pelo Senhor Rei D. João VI, meu Augusto Pai, na carta de lei de 13 de maio de 1816; e ao mesmo tempo rememorar o primeiro nome que lhe fora imposto no seu feliz descobrimento, e honrar as 19 provincias comprehendidas entre os grandes rios que são os seus limites naturaes e que formão a sua integridade que eu jurei sustentar; hei por bem e com o parecer do meu Conselho de Estado determinar o seguinte: - Será, d’ora em diante, **o escudo d’armas deste Reino do Brazil em campo verde huma esphera armilar de ouro, atravessada por huma cruz da Ordem de Christo, sendo circulada a mesma esphera de 19 estrellas de prata em huma orla azul; e firmada a coroa real diamantina sobre o escudo, cujos lados serão abraçados por dois ramos de plantas de café e tabaco como emblemas de sua riqueza commercial, representados na sua propria cor, e ligados na parte inferior pelo laço da nação.** A bandeira nacional será composta de hum parallelogrammo verde e nelle inscripto hum quadrilátero rhomboidal cor de ouro, ficando ao centro deste o escudo das armas do Brazil – Paço, em 18 de setembro de 1822 – Com a rubrica de Sua Alteza Real, o Príncipe Regente – (a) José Bonifácio de Andrada e Silva” (Ribeiro, 1933, pp. 57-58, grifo nosso).

Cerca de três meses depois, no dia 1 de dezembro, em novo decreto, são fixados ajustes no escudo das armas do Império, conforme observamos na transcrição que segue.

“Havendo sido proclamada com a maior espontaneidade dos povos a Independência política do Brasil, e a sua elevação á categoria de Imperio pela minha solenne aclamação, sagração e coroação, como seu Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo: **hei por bem ordenar que a Corôa Real que se acha sobreposta no escudo das armas estabelecido pelo meu imperial decreto de 18 de setembro do corrente anno seja substituída pela Corôa Imperial**, que lhe compete, afim de corresponder ao grão sublime e glorioso em que se acha constituído este rico e vasto Continente. – Paço, em 1º. De dezembro de 1822, 1º. Da Independência e do Imperio – Com a rubrica de Sua Magestade Imperial (a) José Bonifácio de Andrada e Silva”. (Ribeiro, 1933, pp. 57-58, grifo nosso).

Luz (2005) também descreve em detalhes as armas do Império do Brasil e dá destaque ao fato de que muitas foram as versões das armas elaboradas pelos artistas contratados para a sua reprodução. Entre 1836 e 1868, tal como o autor menciona, há versões “oficiais” diversas nos cabeçalhos do Correio Oficial, do Diário Oficial do Império e no Diário Oficial.

Lessa (1930) e Ribeiro (1933) recordam que as dezenove estrelas fazem referência às seguintes províncias do Império: Grão Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Cisplatina. Os autores também mencionam o fato de não ter havido alterações nas armas do Império por ocasião da independência da província Cisplatina (1830) ou da criação das províncias de Amazonas (1850) e Paraná (1853). No entanto, depois de 1879, a partir da comparação dos clichês empregados pela Imprensa Nacional, Lessa (1930) observou que as Armas do Império passaram a contar com vinte estrelas, representado, portanto, o número de províncias da época. Para tal alteração, no entanto, não houve decreto.

Desse modo, em função dos dados apresentados, podemos levantar a hipótese de a obra ter sido publicada antes de 1879.

O terceiro fato que pode nos auxiliar a situar a obra temporalmente diz respeito ao encadernador identificado por meio do selo constante na face interna da capa (v. Fig. 6). Ferreira (1994), Hallewell (2005), Godoy (2015) e Storms (s.d.), em seus estudos, recuperam

dados da biografia de Lombaerts – o encadernador, bem como informações a respeito da encadernadora e litografia fundada por ele no Rio de Janeiro.

Os dados biográficos organizados a partir a leitura dos autores citados permitem-nos afirmar que Jean-Baptiste Lombaerts, belga nascido em 1821, litógrafo de profissão, deixou a Antuérpia e migrou para o Brasil nos anos 1840 com sua família – esposa e filho⁸. Já no Rio de Janeiro, Lombaerts montou sua empresa do ramo de encadernação e litografia. Ficou conhecido também como importante livreiro da segunda metade do século XIX, sobretudo graças à importação de jornais e revistas. Em material de divulgação datado de 1884⁹, Lombaerts & Comp é identificada, então, como um ‘Imperial Estabelecimento’ que atua nas seguintes frentes: Agencia de Assignaturas paa os Jornaes Estrangeiros, livraria editora, papelaria, typographya, lithographia e encadernação. Storms (s.d.) cita como primeiro endereço, em 1848, a Rua da Quitanda, 68. Ainda segundo o mesmo autor, no ano de 1853, Lombaerts transferiu seu estabelecimento para a Rua dos Ourives, 17 – endereço que consta no selo identificado na obra de José Morena (Fig. 6). Já Hallewell (2005) afirma que Lombaerts ficou estabelecido nesse endereço de 1848 até 1904, ano em que a loja teria sido demolida para a construção a nova avenida Central¹⁰. De acordo com Ferreira (1994), Lombaerts já era conhecido como encadernador em seu país de origem e no Rio de Janeiro ganhou ainda mais fama graças ao trabalho desenvolvido. Algumas referências ao trabalho de Lombaerts nas palavras daqueles que se aprofundaram no estudo de seu trabalho: “sua firma era uma importante encadernadora” (Hallewell, 2005, p. 229), “a maior das litografias montadas na época” (Ferreira *apud* Hallewell, 2005, p. 229). No volume XI da obra *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro 1883-1884*, Lombaerts figura – ao lado de profissionais estabelecidos no Brasil e também em outros países – em uma lista de “artistas que se distinguiram na arte de Gutemberg”. A respeito de Lombaerts, a citada obra afirma que “as officinas dos Snrs Lombaerts [são] uma das mais accreditadas do Rio de Janeiro (op. Cit., p. 413). Certamente, por sua importância no cenário da época, o estabelecimento de Lombaerts foi responsável por encadernações para a Família Imperial e a Academia Imperial de Belas-Artes (Ornellas, 2006), a exemplo da obra em análise neste estudo. O selo colado na capa interna da *Grammatica Portugueza-Italiana* dedicada à Imperatriz, tal como visto, traz a

⁸ O filho – Henri Gustave Lombaerts (1845 – 1897) – dará prosseguimento ao trabalho do pai.

⁹ ANÚNCIOS do estabelecimento de Lombaerts & Comp., do fotógrafo Marc Ferrez e da publicação Galeria Contemporânea do Brazil]. Rio de Janeiro, RJ: Lombaerts & Comp., Editores, [1884]. 1f., il., 36 cm. Disponível em: <http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=60546>. Acesso em: 26 mai. 2018.

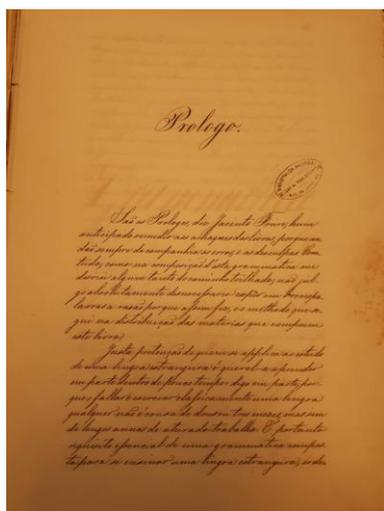
¹⁰ Atual Avenida Rio Branco.

menção Ao Missal Lombaerts. De acordo com Machado (2008), Godoy (2015) e Storms (s. d.) esse era o nome específico para identificar a encadernadora.

Com base no exposto até este momento, podemos, então, considerar que a obra de José Morena se circunscreve no período que se estende de 1853 – ano do estabelecimento de Lombaerts no Rio de Janeiro e posterior, portanto, à passagem de D. Teresa Cristina a Imperatriz do Brasil - a 1879, ano em que as Armas do Império começaram a contar com vinte estrelas.

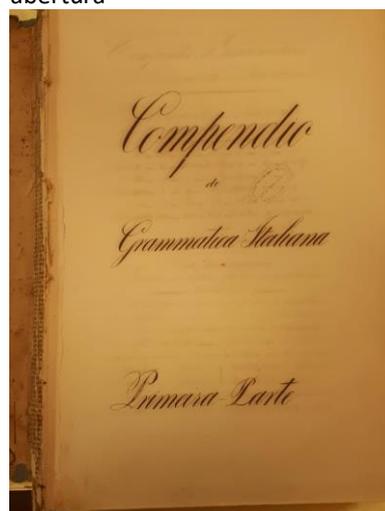
Uma vez finalizada a análise física, vale considerar o modo proposto por Morena para a organização do conteúdo de sua obra. As partes que integram a obra de Morena são três, a saber: *Prologo*, *Compendio de Grammatica Italiana* e *Grammatica Portugueza-Italiana* (Figuras de 11 a 13).

Figura 11: *Prologo*, Página de abertura



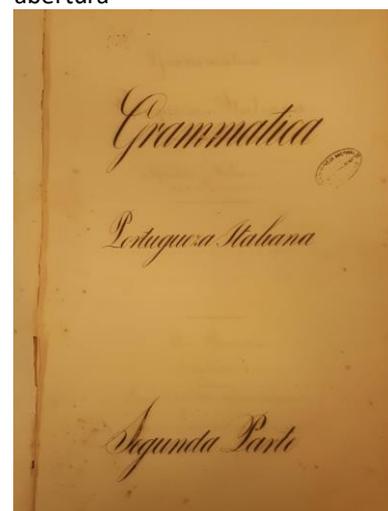
Fonte: Acervo da Fundação
Biblioteca Nacional - Brasil

Figura 12: *Compendio de Grammatica Italiana*, Página de abertura



Fonte: Acervo da Fundação
Biblioteca Nacional - Brasil

Figura 13: *Grammatica Portugueza-Italiana*, Página de abertura



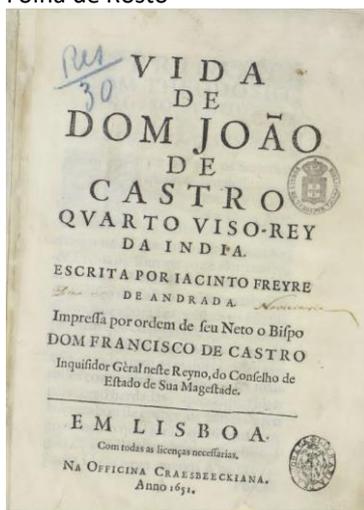
Fonte: Acervo da Fundação
Biblioteca Nacional - Brasil

A seguir, passaremos, então, a apresentar uma análise mais detalhada de cada uma das partes mencionadas.

- O Prologo¹¹

Esta parte inicial da *Grammatica Portugueza-Italiana* é composta por nove folhas manuscritas, conforme visto anteriormente, numeradas com algarismos romanos. José Morena inicia a redação de seu prólogo fazendo referência a Jacinto Freire¹², poeta, historiador e sacerdote católico português que viveu nesse país entre os anos de 1597 e 1657. Em 1651, Jacinto Freire publicou, em Lisboa, a obra *Vida de Dom João de Castro quarto visorrei da Índia* (Fig. 14), de cujo prólogo Morena extraiu o trecho com o qual abre sua *Grammatica*: “São os Prologos hum anticipado remédio aos achaques dos livros porque andão sempre de companhia os erros, e as desculpas” (Fig. 15). Morena tenciona, ao fazer uso dessa passagem, justificar os caminhos escolhidos para expor o conteúdo, bem como o método adotado para distribuí-lo ao longo de sua obra.

Figura 14: *Vida de Dom João de Castro Quarto Viso-Rey da India*, Folha de Rosto



Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal

Figura 15 : *Vida de Dom João de Castro Quarto Viso-Rey da India*, Prólogo



Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal

José Morena pretende, então, com a escrita de seu prólogo, apresentar para o leitor as ideias preliminares sobre o assunto a ser abordado e tecer considerações sobre as escolhas metodológicas para elaboração da sua *Grammatica*. Durante o desenvolvimento do *Prologo*, podemos, portanto, ver reveladas algumas das crenças de Morena acerca da língua a ser

¹¹ Serão mantidas as grafias dos nomes que identificam as partes que compõem a Gramática e das denominações adotadas por Morena, com destaque em itálico.

¹² Podemos encontrar o nome Jacinto Freyre de Andrada grafado também como Jacinto Freire de Andrade (cf. ficha catalográfica da Biblioteca Nacional Digital - Biblioteca Nacional de Portugal).

ensinada, de como deve ser organizada uma gramática para ensino de LE, do processo de aprendizagem de língua estrangeira e do papel do aprendiz de LE.

No que diz respeito à visão do autor sobre a língua que deverá ser ensinada, ele faz referência ao “fallar e escrever classicamente uma lingoa”, fazendo alusão a uma prática vigente na época que se traduzia em seguir os “clássicos”, uma vez que estes eram tidos como exemplos de correção gramatical. Além disso, com sua gramática comparada, Morena espera que o aluno, ao término de seu estudo, tenha conseguido desenvolver a capacidade de falar e escrever na língua-alvo. Para tanto, elabora a seguinte afirmação “(...) nada eu julgo ter omitido que seja necessario a quem tenciona estudar a lingoa de modo que a possa falar e escrever correctamente e com propriedade” (Morena, s.d., p. IV). As palavras do autor fazem eco a uma crença vigente na época que assumia que o conhecimento gramatical era o pilar a partir do qual se sustentava o ensino de uma língua estrangeira, valorizando, igualmente, a correção gramatical como um ideal a ser alcançado.

Na visão de Morena, uma gramática que se proponha a ensinar uma LE deve ser organizada de forma clara, de modo a facilitar para o aprendiz a busca por qualquer assunto que tenha esquecido. Além disso, a forma de organizar os conteúdos pode, segundo o autor, auxiliar o estudante a reter os conteúdos na memória. Nas palavras do autor:

(...) ordenar as partes do discurso e as regras relativas e modo que o alumno no tempo que as vai percorrendo gradualmente, e depois de as ter percorrido todas, saiba formar d'ellas uma Idea clara e distincta, e possa, se por acaso se tiver esquecido, achal-as com facilidade e promptidão. (Morena, s.d., p. II)

(...) porque julguei que o alumno d'esta forma coordenaria e reteria na memória as regras expostas muito mais facilmente do que se, querendo eu proceder de modo contrario, tratasse em differentes capítulos das diversas partes da oração. (Morena, s.d., p. II)

Além disso, o autor reforça a importância de apresentar o conteúdo em uma gradação que parta do mais fácil em direção aos conteúdos considerados mais difíceis ou que apresentem maior complexidade. Com base nessa premissa, Morena justifica a inserção da primeira parte. Com ela, pretende o autor apresentar um resumo dos tópicos principais, a fim de preparar o aluno para o estudo mais aprofundado das questões gramaticais a serem expostas na segunda parte da *Grammatica Portugueza-Italiana*. Nas palavras do autor, ele

afirma querer “preparar o alumno para este estudo e tornar-lhe o caminho mais plano e agradável” (p. III). Morena defende, inclusive, a inserção desse tipo de resumo em toda gramática composta para o ensino de uma LE e aponta o que a falta desse resumo pode acarretar:

(...) ou esta grammatica, como de ordinário acontece, comprehende em si somente as noções mais geraes da lingoa, e então muito imperfeita e incompleta será para aquelle que se quer aperfeiçoar no estudo da mesma; ou abrange todas as particularidades que lhe são relativas, e n’este caso aquelle que por ella aprender marchará por um caminho tão íngreme e cheio de espinhos, que se o não obrigas a recuar, ao menos lhe retardará muito o seu adiantamento. (Morena, s.d., p. III)

Ainda com relação à organização e apresentação do conteúdo, Morena faz uso do que ele denomina “mappas”. Trata-se de quadros sinóticos por meio dos quais o autor apresenta, por exemplo, as conjugações verbais. Desse modo, ele consegue organizar as informações de modo visual com o intuito de facilitar a apreensão por parte do aluno.

Quanto ao processo de aprendizagem da LE, Morena ressalta que este demandaria tempo. Em suas palavras, aprender uma LE qualquer “não é cousa de dous ou três mezes, mas sim de longos annos de aturado trabalho”. Essenciais para que esse processo se dê são, nas palavras de Morena, o ato de decorar, de praticar a língua que está sendo aprendida como LE, a consulta constante ao dicionário e a leitura dos autores clássicos como métodos de estudo.

Donde se conclue que a este respeito¹³ não há melhor grammatica do que a pratica, um bom dictionario e uma attenta leitura dos clássicos. (Morena, s. d., p. VI)

Sobre o papel do aprendiz de LE, podemos inferir pela leitura do *Prologo* que é esperado um aluno que dedique tempo e atenção ao estudo da língua-alvo e que se debruce não só sobre a *Grammatica* apresentada, mas que busque outras fontes de estudo, como os dicionários e obras clássicas por conterem aquilo que Morena considera como bons modelos a serem seguidos. O próprio autor – que parece fazer uso do argumento de autoridade – insere em sua obra menções a outros estudiosos consagrados que lhe teriam servido como fonte de

¹³ O autor está fazendo referência ao estudo da regência e à impossibilidade de exemplificação de todos os casos em apenas uma gramática.

consulta, inspiração e modelos de apresentação gramatical. Ele, no entanto, não menciona que fontes de fato teria utilizado, restando ao pesquisador a tarefa de identificar a que obras ele teria recorrido para tecer seus comentários. Podemos considerar como exemplo disso as referências a – Corticelli e Puoti – que serviram como ponto de partida para a redação de sua *Grammatica Portuguesa- Italiana*, admitindo ter, inclusive, copiado em parte suas obras.

(...) direi que com o que havia de melhor n'estes excelentes autores enriqueci a minha grammatica, e às vezes mesmo as copiei (...)
(Morena, s.d., p. VII)

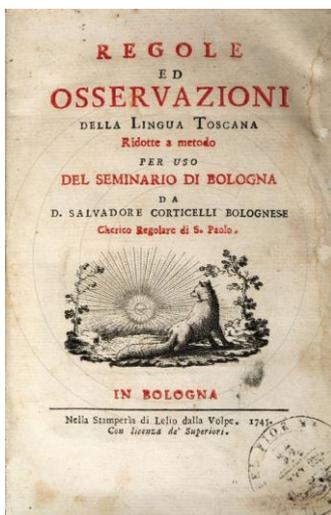
Trata-se de Salvatore Corticelli e Basilio Puoti, autores italianos que se notabilizaram por seus estudos sobre a gramática da língua italiana. Corticelli viveu em Bolonha de 1689 a 1758 e, apesar de ter estudado filosofia e direito e de ter desenvolvido estudos filosóficos e teológicos desde que passou a integrar a Congregação de São Paulo, em 1718, o autor se notabilizou de fato pelos estudos e publicações sobre as temáticas que versavam sobre gramática e retórica. Em 1745, Corticelli publica o livro que inspira Morena a redigir sua própria gramática: *Regole ed osservazioni della lingua toscana ridotte a metodo per uso del Seminario di Bologna* (Fig. 16). Graças ao seu caráter prático e didático, esta obra de Corticelli foi considerada bastante apropriada para o ensino escolar e, como consequência de seu grande sucesso, teve várias edições. Esse livro permitiu-lhe, ainda, o ingresso na renomada *Accademia della Crusca* para a qual ele produziria mais tarde, em 1752, um tratado sobre a eloquência italiana¹⁴.

Basilio Puoti, por sua vez, era napolitano e viveu entre 1782 e 1847. Ficou conhecido por sua atuação nos campos da crítica literária, lexicografia e gramática. Era, portanto, grande estudioso da língua italiana. Puoti ocupou, por exemplo, o cargo de inspetor geral da educação pública no Reino das Duas Sicílias que deixou, em 1825, para se dedicar a sua escola de língua italiana e à educação dos jovens. Tal como Corticelli, sua dedicação aos estudos linguísticos o levou para a *Accademia della Crusca*. Dentre as obras de Puoti, destacamos as seguintes: *Regole elementari della lingua italiana* (1833), *Della maniera di studiare la lingua e l'eloquenza italiana* (1837), *Vocabolario domestico napoletano-toscano* (1841), *L'arte di scrivere in prosa per esempii e per teoriche* (1843), *Dizionario dei francesismi* (1845). Apesar de Morena não

¹⁴ Corticelli, S. *Della toscana eloquenza discorsi cento detti in dieci giornate da dieci nobili giovani in una villereccia adunanza*. Bologna: Stamperia di Lelio dalla Volpe, 1752.

citar a obra que o inspirou, a temática nos leva a crer que ele se referia àquela publicada em 1833 (Fig. 17).

Figura 16: *Regole ed osservazioni della lingua toscana ridotte a metodo per uso del Seminario di Bologna*, Folha de Rosto



Fonte: Acervo da Biblioteca dell'Accademia della Crusca

Figura 17: *Regole elementari della lingua italiana*, Folha de Rosto



Fonte: Acervo da Biblioteca dell'Accademia della Crusca

A admiração de Morena por Puoti e seu trabalho é tão grande que chega a afirmar em seu *Prologo* ter considerado a ideia de colocar no frontispício a indicação “O Puoti Portuguez”. Essa ideia, no entanto, não foi levada adiante, pois Morena aponta méritos que são próprios de sua obra e que a distinguem daquelas escritas pelos autores citados e que fazem dela um exemplar diferenciado.

O methodo com que ordenei esta grammatica, a correspondencia dos pronomes e dos tempos, a classificação dos verbos da 3a. conjugação, a syntaxe das preposições, muitas observações que n' estes dous autores não se achão, e emfim o que em geral diz respeito à correspondencia das duas lingoas, tudo isto, digo, só a meu cuidado e a minhas longas vigílias é devido. (Morena, s.d., p. VIII)

Morena menciona igualmente que sua *Grammatica* tenha o mérito de ser uma obra de referência pra o estudo da LE, assim como os dois volumes do *Diccionario italiano-portuguez e portuguez – italiano*, produzidos nos anos de 1853 e 1854 por Antonio Bordo, um italiano radicado no Brasil, tinham preenchido uma lacuna para portugueses e brasileiros interessados no aprendizado desse idioma.

Se pois em parte ao menos eu tiver realizado com aceitação o desejo que sempre tive (...) de formar uma boa grammatica italiana, ficarei muito satisfeito se, como depois dos esforços heroicos de Antonio Bordo dizem os Brasileiros e Portuguezes que não sentem mais a falta de um dicionário italiano, disserem também que não lhes falta uma grammatica. (Morena, s.d., p. VIII)

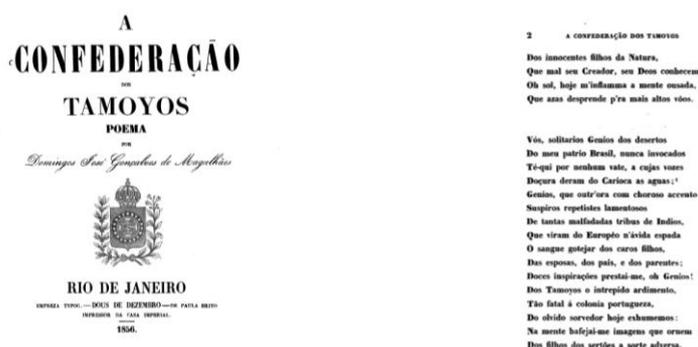
Morena ressalta também, tal como se pode observar no trecho transcrito a seguir, as semelhanças que observa entre as línguas italiana e portuguesa e, por conta disso, justifica ser desnecessário discorrer a respeito das belezas da língua que pretende ensinar. Para valorizar a língua do aprendiz, sugerindo ser esta uma língua onde se observa igualmente harmonia, doçura e suavidade, Morena, apesar de não citar a fonte, transcreve dois versos do canto primeiro do poema de Domingos José Gonçalves de Magalhães intitulado *A Confederação dos Tamoyos*, publicado em 1856 (Fig. 18).

Costumão os que compõem a grammatica de uma lingoa estrangeira qualquer mostrar e realçar com penna elegante as belezas d'ella, eu porém não seguirei este costume com a minha, por ser isso desnecessário, oferecendo-a eu a quem fala uma lingoa tão semelhante à italiana na índole e harmonia, e principalmente àquelles

.....a cujas vozes

Doçura derão do Carioca as águas. (Morena, s.d., p. VIII)

Figura 18: *A Confederação dos Tamoyos*, Folha de Rosto e excerto Canto I



Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional

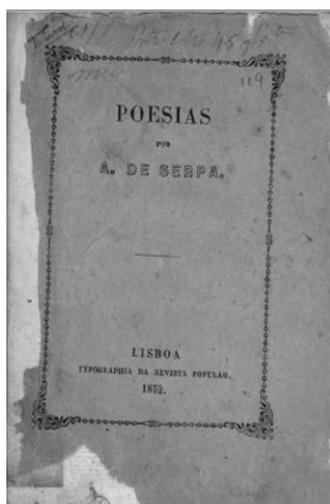
Vale frisar que a referência à obra *A Confederação dos Tamoyos* desloca o início provável de produção do manuscrito de 1853, conforme assinalado anteriormente, para 1856.

A título de conclusão de seu Prólogo e como meio indireto de frisar a importância do aprendizado da língua italiana e enaltecer a beleza tanto deste idioma quanto da língua portuguesa, Morena traz trechos escritos pelo poeta A. de Serpa em que este defende a necessidade de garantir para a literatura, a poesia e a língua italiana um espaço de importância.

Com tudo não deixarei de transcrever algumas observações do poeta A. de Serpa, as quaes por serem e pessoa estranha parecerão mais desinteressadas. Temos estudado, diz ele, modelos de literatura estrangeira desprezando as infinitamente mais belas e perfeitas da literatura italiana; ignoramos vulgarmente a poesia d'ella, a mais rica, a mais correcta, a mais aperfeiçoada das poesias modernas, e desprezamos as formas da lingua mais poética da Europa, e d'aquella a que mais nenhuma outra, na variedade, na harmonia e na doçura, a nossa se assimelha. (Morena, s.d., p. IX)

Apesar de não mencionar a fonte original de onde extraiu os trechos transcritos em sua obra, as passagens fazem parte do epílogo do livro *Poesias* (Fig. 19), publicada em Lisboa, no ano de 1851 pelo português Antonio de Serpa Pimentel, conhecido por sua atuação no cenário político, por sua formação em matemática e por suas colaborações no campo da literatura, tendo muitos escritos publicados tanto na *Ilustração Luso-Brasileira* (1856-1859), quanto na *Revista Universal Lisbonense* (1841-1859).

Figura 19: *Poesias*, Folha de Rosto e excerto p. 230-231.



230

ris com os figurinos da ultima moda, e ha poucas das suas notas mais suaves que não sejam o eco das lyras de Hogo e Lamartine. Por que se não seguiu antes o exemplo dos nossos primeiros auctores modernos, contemporaneos nas suas primeiras produções de Lamartine e de Hugo, que entenderam a nossa regeneração litteraria, conservando a sua originalidade, e importando as belezas da nova escola, e as regras da moderna poetica, sem serem plagiarios ou imitadores? Pela superioridade do seu talento, ou pelo acaso da data do seu nascimento, elles denotam na nossa historia litteraria uma epocha notavel, que talvez não tenha sido continuada como convinha.

Se, em quanto ao pensamento, a nossa poesia actual se resente de monotonia e pouca originalidade, em quanto á forma, apesar de alguma cousa se ter adiantado, não se resente menos de dous defeitos capitães. Tem-se attendido mais á harmonia dos sons, á parte por assim dizer externa da linguagem, do que á sua estrutura e á indole do nosso idioma. Tem-se estudado quasi exclusivamente os modéls francezes, des-

231

prezando os infinitamente mais bellos e perfectos da litteratura italiana. Graças á superficialidade da critica franceza sobre tudo o que é estrangeiro, entre nós, que tudo temos estudado por livros francezes, ignorava-se vulgarmente a poesia italiana, a mais rica, a mais correcta, a mais aperfeiçoada das poesias modernas. Falsivamos em parte a indole da nossa linguagem com a imitação das formas francezas, e desprezamos as da lingua mais poética da Europa, e d'aquella a que mais que nenhuma outra, na variedade, na harmonia e na doçura, a nossa se assimelha.

O auctor não dissimula que destes defectos, que hoje reconhece, não soube sempre libertar-se. Também não pertencera a demonstrar por uma metaphisica abstracção, como foi costume, ainda não ha muito, entre poetas de grande nomeada, que existe um mysterioso e indissolvel nexo desde a primeira até á ultima das paginas do seu livro, o que as torna apenas cecos e epigrammaticos de uma epopeia unica e cohesa. Dirá, pelo contrario, que o que ahí ficou escripto não são mais do que tentativas e ligeiros esboços, nascidos pelo maior

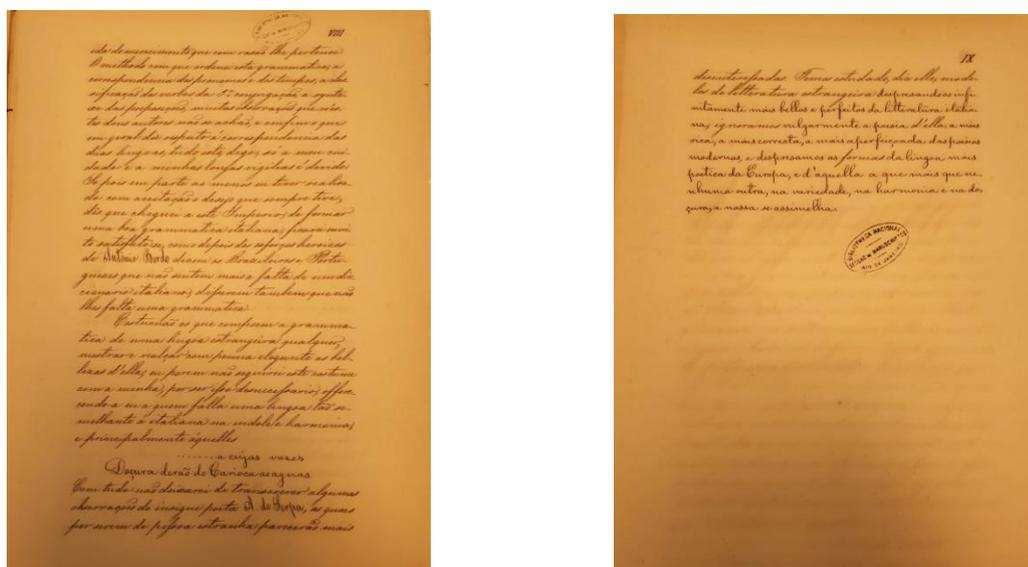
Fonte: <https://books.google.com>¹⁵

¹⁵ Disponível para download.

No texto original, podemos observar que A. de Serpa faz uma crítica ao predomínio do estudo dos modelos literários franceses, em detrimento de outros como a literatura de língua italiana. Morena, no entanto, não retoma a passagem na íntegra e opta por suprimir algumas passagens. Essa talvez tenha sido uma forma de evitar possíveis críticas uma vez que o ensino da língua francesa e a sua respectiva literatura gozavam de muito prestígio no Brasil do século XIX.

Finalizando a análise do *Prologo*, merece destaque o manejo da prática caligráfica como recurso para indicar as passagens em que faz citação de outros autores (Fig. 20).

Figura 20: Prologo, p. VIII e p. IX



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

Observamos, na página VIII, que as menções aos autores aqui retomados Antonio Bordo e A. de Serpa, bem como a citação em destaque, ganham realce por conta do emprego de um tipo de letra diferente. O emprego do mesmo recurso pode ser observado na página seguinte, conferindo destaque à passagem transcrita de A. de Serpa. Ao longo da obra é possível observar o emprego do mesmo recurso para dar destaque a informações e exemplos, como poderemos ver mais adiante.

Após o *Prologo*, cujos objetivos são apresentar para o leitor as ideias preliminares sobre o assunto a ser abordado e tecer considerações sobre as escolhas metodológicas para elaboração da *Gammatica*, encontramos as duas partes complementares que, juntas, formam

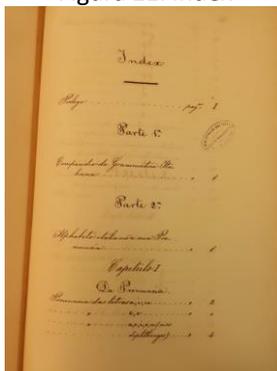
o núcleo da obra de José Morena: o *Compendio de Grammatica Italiana* e a *Grammatica Portugueza-Italiana*.

- O *Compendio de Grammatica Italiana* e a *Grammatica Portugueza-Italiana*

A primeira parte, denominada *Compendio de Grammatica Italiana*, é composta de oitenta páginas, numeradas em algarismos arábicos. Trata-se, nas palavras do autor, de “um resumo da mesma [da grammatica], no qual seguindo o mesmo methodo não expus senão as cousas mais fáceis e necessárias”. O autor, ao oferecer este compêndio inicial, está preocupado, sobretudo, com os aprendizes iniciantes e em proporcionar-lhes “os primeiros rudimentos da língua” para que, em seguida, possam compreender com mais facilidade aquilo que estará descrito na sua gramática. Desse modo, José Morena segue o que ele mesmo sinaliza como um princípio metodológico para ensino de uma língua estrangeira, a saber: proceder “do fácil para o difficil e do conhecido para o que ainda não se conhece”. Além disso, o autor assume que está perseguindo o objetivo de “preparar o alumno para o estudo e tornar-lhe o caminho mais pleno e agradável”.

Apesar de haver um *Index* no final da obra, este é pouco elucidativo quanto ao que podemos encontrar no *Compendio* ou Parte 1ª., uma vez que não há desmembramento dos conteúdos tal como ocorre com a parte seguinte (Fig. 21).

Figura 21: Index



Fonte: Acervo da Fundação
Biblioteca Nacional - Brasil

A fim de que fosse possível, então, ter uma visão dos conteúdos abordados no *Compendio* para, inclusive, permitir posteriores comparações entre estes e aqueles que

compõem a *Grammatica* propriamente dita, foi empreendido levantamento de todas as partes constitutivas do *Compendio*. Desse modo, integram o *Compendio de Grammatica Italiana* os assuntos que seguem:

- Da pronuncia das letras e syllabas italianas
- Dos nomes substantivos e adjectivos qualificativos
- Do grao comparativo e superlativo dos adjectivos
 - Formação do plural dos substantivos e adjectivos qualificativos regulares
 - Formação do plural dos substantivos e adjectivos qualificativos irregulares
- Do artigo – Genero e Numero do artigo
- Antes de que palavras se deve pôr o artigo il, lo, la
- Dos pronomes – divisão dos pronomes
 - Do pronomes pessoais Io, Tu, Sè, Egli
 - Dos outros pronomes
- Dos adjectivos determinativos – Formação do plural dos adjectivos determinativos
- Uno, Due
- Primo-secondo
- Dos Verbos – Do verbo substantivo
 - Conjugação do verbo essere
 - Conjugação do verbo avere
- Conjugação dos verbos regulares – Primeira conjugação (cantáre)
- Segunda conjugação (Temére)
- Segunda conjugação (Sentíre)
- Dos verbos irregulares – Primeira conjugação
- Segunda conjugação
- Outros verbos irregulares
- Das Preposições
- Dos Adverbios
- Das Conjuncções
- Das Interjeições
- Observações geraes sobre a orthographia

Com o *Compendio*, Morena oferece de fato àqueles interessados em iniciar seus estudos em língua italiana um capítulo com noções introdutórias. Ao fazermos um cotejo entre as partes constitutivas do *Compendio* e aquelas apresentadas mais adiante e que compõem a segunda parte – a *Grammatica Portugueza-Italiana*, veremos que os capítulos desta última versam, em grande parte, a respeito dos mesmos assuntos. Nesta segunda parte, no entanto, como seria de se esperar, os assuntos são aprofundados.

Como se trata de uma gramática comparada, ao apresentar o alfabeto italiano e sua pronúncia, o autor admite, na página 1, que pretende dar ênfase apenas àquilo que for diferente entre os dois idiomas. Logo, os aspectos semelhantes relativos a este assunto, por sua vez, não são ressaltados, pois não se constituem em empecilho ao aprendizado de italiano por parte de estudantes que sejam falantes de língua portuguesa.

Vale destacar também a importância que Morena atribui à figura do professor de língua estrangeira, fundamental, por exemplo, para dar um tratamento adequado à questão da pronúncia.

c,h – a consoante c seguida de e ou i tem um som particular que só se pode aprender pelo Professor, ex:
lacci/laços, célere/veloz, cióttoli/seixos (Morena, s.d., p. 3)

Digna de nota é igualmente a observação, transcrita a seguir, que o autor faz sobre a supressão do -e final da forma do infinitivo na oralidade: “Muitas vezes ao presente do infinito se suprime o e final, dizendo-se avér, cantár, temér, sentír” (Morena, s.d., p. 40) .

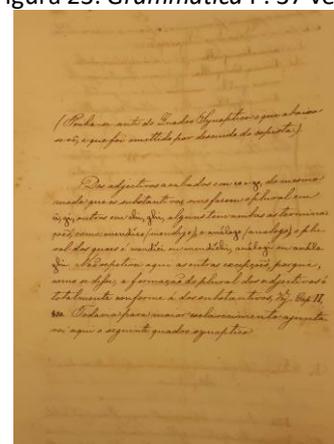
Do ponto de vista físico, ressaltamos que há, tanto no *Compendio* quanto na *Grammatica*, páginas com anotação no verso, cujo propósito é incluir informação que, por descuido, não tinha sido inserida no corpo da gramática (Fig. 22 e Fig. 23). Por outro lado, não existe, no *Compendio*, a página 65. Além disso, ao tratar da conjugação dos verbos regulares, o autor divide os verbos em: (a) primeira conjugação (cantáre), (b) segunda conjugação (temére) e (c) segunda conjugação (sentíre). Esta última, provavelmente um descuido do autor, pois, na verdade, a intenção talvez fosse apontar a existência da terceira conjugação.

Figura 22: *Compendio* P. 32 verso e P. 33



Fonte: Acervo da Fundação
Biblioteca Nacional - Brasil

Figura 23: *Grammatica* P. 37 verso



Fonte: Acervo da Fundação
Biblioteca Nacional - Brasil

Após o *Compendio*, temos, então, a *Grammatica Portugueza-Italiana* propriamente dita. Esta compõe, portanto, a segunda parte da obra de José Morena. A paginação é reiniciada. A segunda parte, por conter os elementos essenciais da gramática, é bem mais extensa que a primeira. Ela é composta de trezentas e dez páginas, numeradas também em algarismos arábicos, divididas em dezesseis capítulos e contendo uma página inicial onde

podemos encontrar o alfabeto italiano e sua pronúncia. Os capítulos da obra de Morena tratam dos seguintes assuntos:

- Capítulo I: Da pronuncia
- Capítulo II: Dos nomes substantivos
- Capítulo III: Dos nomes adjectivos qualificativos
- Capítulo IV: Do artigo
- Capítulo V: Dos pronomes
- Capítulo VI: Dos adjectivos determinativos
- Capítulo VII: Artigo, pronomes e adjectivos sinonimos
- Capítulo VIII: Dos verbos
- Capítulo IX: Da concordância
- Capítulo X: Da regência
- Capítulo XI: Das preposições
- Capítulo XII: Dos advérbios
- Capítulo XIII: Das conjuncções
- Capítulo XIV: Das interjeições
- Capítulo XV: Do pleonasma
- Capítulo XVI: Da orthographia

Tanto no *Compendio* quanto na *Grammatica*, podemos observar que as explicações são escritas em língua portuguesa, reforçando que o público-alvo visado é falante de português, tal como assinalado no prólogo.

O princípio comparatista adotado por Morena está presente em diversos momentos das duas partes constitutivas de sua obra – *Compendio* e *Grammatica* – e tem por propósito principal demonstrar para o estudante interessado que há pontos de convergência entre os dois idiomas, tal como poderemos ver nas passagens que seguem, extraídas da segunda parte da obra em estudo.

A pronuncia das letras e syllabas em italiano é muito semelhante á portuguesa por isso só notaremos aqui as excepções. (Morena, s.d., p. 1)

O *a* em italiano se pronuncia como o *a* aberto em portuguez, ex.: madre, parte. (Morena, s.d., p. 2)

A pronúncia do *i*, e do *u* é a mesma em ambas as línguas; porém o *i* no fim de palavra não é sempre agudo como em portuguez; se o é leva acento, ex.: senti sentí (Morena, s.d., p. 2)

O emprego da análise comparada entre os dois idiomas permite, além do já exposto, que o autor se dedique igualmente a assinalar aquilo que é próprio da gramática do italiano e

que pode se converter em dificuldade para o aprendiz falante de português caso ele não esteja atento, tal como ilustram os trechos a seguir.

Os pronomes *mi, me, ti, te, ci, ce, vi, ve, si, sè, ne, lo, gli, li, la, le*, podem se ajuntar às vozes verbais, mas em italiano não se põe como em português, uma risca de permeio. (Morena, s.d., p. 19)¹⁶

Adverta-se que quando dous adverbios em mente se seguem na oração, em italiano não se costuma como em português supprimir a terminação do primeiro, ex.: segura e livremente (*sicuramente e liberamente*), franca e lealmente (*achiettamente e lealmente*). (Morena, s.d., p. 72)

Da má pronuncia destas duas vogaes podem nascer graves erros, como se pode ver neste exemplo. (Morena, s.d., p. 4)

e e o fechado	e e o aberto
<i>mezzo</i> - muito maduro	<i>mezzo</i> - meio
<i>torre</i> - torre	<i>torre</i> - tiras
<i>colto</i> - cultivado	<i>colto</i> - colhido

Não pronunciando-se distintas as consoantes dobradas, além de ser contrario á pronuncia italiana, podião nascer graves erros, como se pode ver neste exemplo: (Morena, s.d., p. 4)

<i>Cassa</i> , caixa	<i>Casa</i> , casa
<i>Calle</i> , vereda	<i>Cale</i> , importa
<i>Fiocco</i> , fraco	<i>Fioco</i> , fraco
<i>Cenno</i> , aceno	<i>Cena</i> , ceia

N´estas e outras orações semelhantes *houve muito desastre, pedes muita coisa*, etc em italiano os substantivos *desastre* e *coisa* se devem traduzir com o plural, e dir-se-ha *ci fúrano molti disastri, chiedi molte cose*. (Morena, s.d., p. 26)

Em italiano seria erro empregaras palavras *vecchia* e *gióvane*, se não referindo-se a pessoas que realmente tenham esta idade, usando-se no caso contrario os adjectivos *maggióre* e *minóre*. (Morena, s.d., p. 45)

O emprego das interjeições simples como *ah, oh, ahi*, etc, não apresenta quasi diferença entre as duas lingoas, porque em ambas, as mesmas interjeições servem para exprimir os diferentes transportes de paixão de que nos achamos ocupados. (Morena, s.d., p. 286)

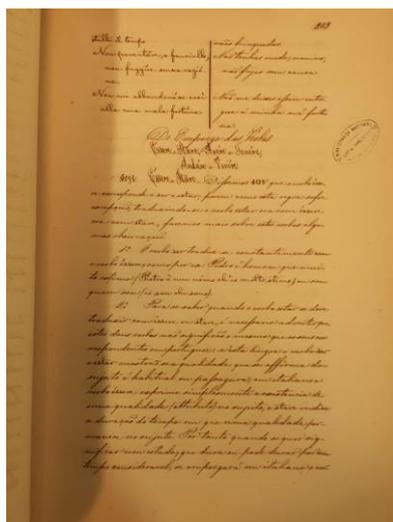
¹⁶ Este trecho, bem como o seguinte, fazem parte do *Compendio*. Os demais relativos ao mesmo tópico foram extraídos da *Grammatica*.

Nessa mesma direção, Morena, mesmo depois de já ter tratado da conjugação verbal e de suas particularidades, insere em sua *Grammatica* um tópico que denomina *Correspondencia dos tempos*, definido da seguinte maneira pelo próprio autor:

Tratando-se das conjugações dos verbos os alunos terão notado, que pouca pode ser a diferença que ha entre as duas lingoas no emprego dos tempos: pelo que deixando aquillo em que se correspondem, só falaremos dos tempos, de que uma ou outra lingua carece, ou que nem sempre se achão empregados com a mesma significação. (Morena, s.d., p. 195)

Além da correspondência entre os tempos verbais, é também objeto de análise pormenorizada o emprego dos verbos *Éssere* e *Stáre*; *Avére* e *Tenére*; *Andáre* e *Venire*, em contraponto com seus correspondentes em língua portuguesa (Fig. 24).

Figura 24: Do emprego dos verbos *Éssere* e *Stáre*; *Avére* e *Tenére*; *Andáre* e *Venire*



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

A análise da *Grammatica* nos fornece exemplos também daquilo que Morena explica no *Prologo* a respeito de como pretende organizar o conteúdo:

(...) mas tratando de uma classe de palavras, disse tudo quanto a ella se refere, porque julguei que o alumno d'esta forma coordenaria e reteria na memória as regras expostas muito mais facilmente do que se, querendo eu proceder de modo contrario, tratasse em diferentes capitulos das diversas partes da oração. (Morena, s.d., p. 2)

Desse modo, no Capítulo II, dedicado a tratar dos Nomes Substantivos e mais especialmente do tópico “formação do plural dos substantivos regulares e irregulares”, o autor, com vistas a facilitar a retenção da informação na memória do aluno, inclui dentre os exemplos os adjetivos que seguirão as mesmas regras para formação de seu plural, como é possível verificar na passagem a seguir.

Entre os substantivos que servem de exemplo para a formação do plural, dão-se também alguns adjetivos: e isto para evitar repetições, pois que como se verá, os adjetivos na formação do plural seguem em tudo as regras, que militão para os substantivos. (Morena, s.d., p. 17)

Estratégia semelhante podemos observar no comentário que o autor faz a respeito da conjugação dos verbos regulares:

Por estes verbos se conjugão todos os outros regulares para o que distinguir-se-hão nos verbos o radical e a desinência ou terminação. (Morena, s.d., p. 157)

A *Grammatica Portuguesa-Italiana*, de José Morena, fornece, ainda, pistas para mudanças de comportamento observáveis na época e suas implicações na dinâmica da língua, revelando ter Morena uma delicada sensibilidade linguística. Nos capítulos intitulados *Dos Aumentativos e Diminutivos* e *Das Interjeições*, o autor faz as seguintes ressalvas:

Se se encontrarem alguns nomes com as formas sobreditas, sem terem o sentido que lhes foi attribuido, isto não destroe as regras estabelecidas. Porque nas coisas humanas, e por isso também nas lingoas se estabelece uma regra, quando o mais das vezes se realiza. (Morena, s.d., p. 34)

A um que espirra se diz: salúte; o outro respond: grázie (obrigado); parece com tudo que a moda no seu nobre furor de inovação quer banir do mundo dos cumprimentos estes tão inocente e singelo, herança de nossos pais. Mas sempre são os inocentes os perseguidos. (Morena, s.d., p. 287)

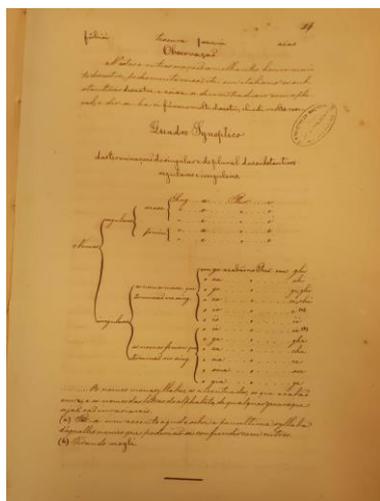
No tratamento dispensado à questão dos Aumentativos e Diminutivos, Morena – apesar de não usar tais termos – os analisa do ponto de vista discursivo, indicando, portanto, para o aluno que não se trata apenas de apresentar terminações que possam indicar “coisas mui grandes” ou “coisas pequenas”. Para o aluno de LE interessa saber que com o uso dos

augmentativos e diminutivos, tal como o autor assinala, é possível também atribuir valor de “envilecimento e desprezo” e “graça e beleza”, respectivamente.

(...) assim a terminação *one* indica as coisas mui grandes (nomes augmentativos) (...) *otto*, *otta* significa as coisas um pouco grandes (...) *áccio*, *áccia*, *onáccio*, *azzo*, *áglia*, *ame* significa as coisas grandes, malfeitas e más (nomes *peggioratívi* e *avvilitívi*) (...) *ino*, *ina*, *ello*, *ella*, *elto*, *elta*, *nólo*, *nóla*, *oletto*, *oletta*, *olíni*, *olína*, *cino*, *cina*, *icíno*, *icína*, *iccíno*, *icello*, *icella*, *óttolo*, *óttola*, etc significa coisas pequenas e bem feitas (nomes diminutivos e *vezzezziatívi*) (...) *úccio*, *úccia*, *uzzo*, *uzza*, *astro*, *ónzolo*, *iciatto*, *iciáttolo*, etc. significa coisas pequenas e malfeitas (nomes diminutivos e *avvilitívi*) (Morena, s.d., p. 32 a 34)

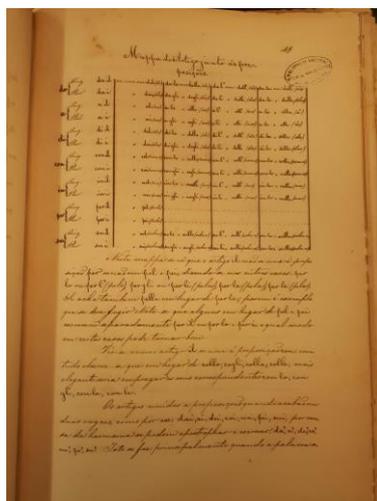
Ao longo de toda a obra, como recurso adicional para organizar as informações de forma a facilitar o aprendizado da língua estrangeira, observamos o emprego de quadros sinóticos e daquilo que o autor denomina “mappas”, conforme revelam as figuras apresentadas a seguir.

Figura 25: Quadro Synoptico, p. 26



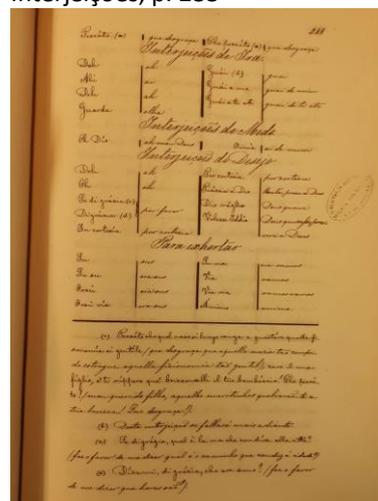
Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

Figura 26: Mappa, p. 49



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

Figura 27: Apresentação das Interjeições, p. 288



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil

Tal como no Prologo, verificamos, no *Compendio* e na *Grammatica*, o emprego de diferentes tipos com o claro objetivo de dar destaque para alguma informação. Tal recurso, como se pode ver nas figuras acima, é empregado com frequência nas observações ou notas de rodapé, nos exemplos e para fazer a distinção entre os dois idiomas.

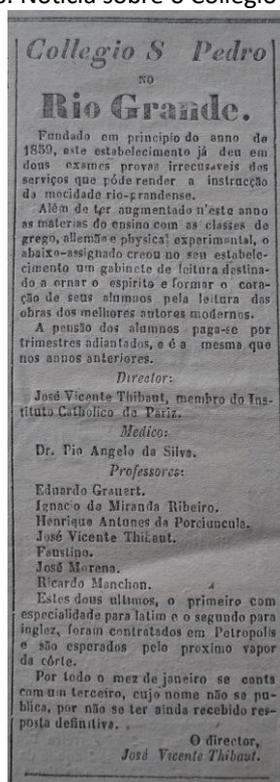
A análise conjunta de todas as partes que integram a *Grammatica Portugueza-Italiana* deixa entrever que seu autor era não só um estudioso da área, com leituras diversas que o

auxiliaram na realização de seu intuito, mas também um observador arguto dos fenômenos linguísticos e um conhecedor das questões que cercavam o ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, tal como veremos a seguir na seção que tem por objetivo apresentar os elementos fundamentais para o processo de reconstrução da biografia de José Morena.

- Sobre o autor

No período sugerido para produção do manuscrito (de 1856 a 1879), localizamos, em pesquisas sobre a instrução rio-grandina, documentos e jornais da época editados no Sul – mais especialmente no Rio Grande, referências a um professor identificado como José Morena. De acordo com os dados obtidos, esse professor – especializado em Latim – teria sido contratado em Petrópolis para trabalhar no Rio Grande a partir de 1861 (Fig. 28) e teria atuado em pelo menos dois colégios privados da região: Collegio União e Collegio São Pedro . Neste último, segundo relatório José Morena atuaria também como diretor.

Figura 28: Notícia sobre o Collegio São Pedro



Diário do Rio Grande, 6 de janeiro de 1861.
Acervo da Biblioteca Rio-Grandense

A passagem desse professor pelos colégios citados está registrada, por exemplo, nos trabalhos desenvolvidos por Teixeira (2017) e Silva & Silva (2016). Segundo os dados arrolados por esses autores, pode-se inferir que entre 1861 e 1870, Morena esteve vinculado ao Collegio São Pedro.

Em 1861, o novo corpo docente [do Collegio São Pedro] passa a ser composto pelos seguintes professores: “Eduardo Grauert, Ignacio de Miranda Ribeiro, Henrique Antunes da Porciuncula, José Vicente Thibaut, Faustino, José Morena e Ricardo Manchon” (DRG, 06/01/1861). Os dois últimos sendo responsáveis pelas disciplinas de Latim e Inglês, ministradas no curso secundário. (Teixeira: 2017,p. 199)

Já a partir de 1870, há dados que indicam que ele estaria vinculado ao Collegio União como seu diretor.

Outro grande colégio da época [segunda metade do século XIX] foi o União, que ficava na praça municipal e tinha como diretor o senhor José Morena. (Silva & Silva: 2016)

(...) no início da década de 1870, o Prof. Eduardo Grauert se despede da Província e se transfere para Montevideo, deixando como diretor do colégio [Collegio União] o seu antigo colega, Prof. José Morena, que também atuou no *Collegio S. Pedro*. (Teixeira: 2017, p. 223)

Sobre seu período de permanência no Rio Grande há também, em documentos oficiais como o *Relatório da Inspectoria Geral da Instrução Pública da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, elogios a sua atuação na área da educação de jovens, bem como a inserção de seu nome no quadro de docentes de uma dada região (Fig. 29 e Fig. 30).

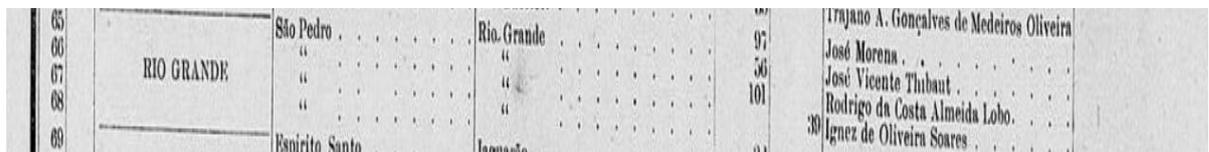
Figura 29: Capa e excerto do *Relatório da Inspectoria Geral da Instrução Pública da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*



Pelos dados, aliás incompletos que existem na secretaria, remetidos por alguns delegados mais exactos no cumprimento dos seus deveres, ou obtidos pelos membros do conselho que foram encarregados da inspecção dos districtos litterarios, ou directa e espontaneamente remetidos por alguns dos directores dos principaes collegios do Rio Grande, como Sr. Tibaut e José Morena, aos quaes não posso deixar de neste momento tributar os meus elogios, não só por essa circumstancia, como pela dedicação e zelo com que cuidão da educação da mocidade, a frequencia nas aulas particulares sobre ao algarismo de 4,417 alumnos; sendo, 2,533 do sexo masculino e 1,884 do sexo feminino, os quaes unidos a 4,976 do sexo masculino e 2,731 do sexo feminino, ao todo 7.707 alumnos que frequentão as escolas publicas, prefaz a somma total de 12,124 meninos que recebem a instrução na provincia, como V. Ex. verificará dos mapas sob ns. 1 a 3. Estão incluídos no numero dos meninos que cursão as escolas particulares, 438 que frequentão as escolas contractadas, sendo 189 do sexo masculino e 276 do sexo feminino.

Fonte: Relatório da Inspectoria Geral da Instrução Pública da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Typographia do Constitucional, 1873.

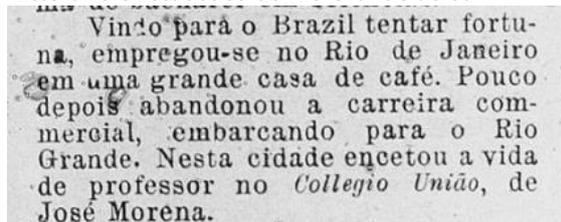
Figura 30: Quadro dos collegios e aulas particulares da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul



Fonte: Relatório da Inspectoria Geral da Instrução Pública da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Typographia do Constitucional, 1873. s.p.

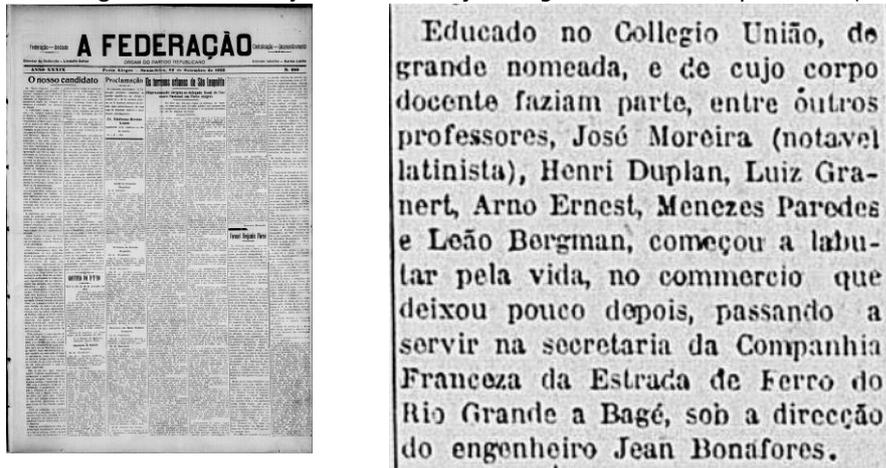
O nome do autor da *Grammatica Portuguesa-Italiana* é um dos poucos a figurar nas matérias do *Almanak Litterario e Estatistico do Rio Grande do Sul* e do *A Federação: Orgam do Partido Republicado (RS)*, publicadas por ocasião do falecimento de João Pedro Henrique Duplan e do Coronel Benjamim Flores (Fig. 31 e Fig. 32).

Figura 31: Página e excerto do *Almanak Litterario e Estatistico do Rio Grande do Sul*



Fonte: RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Almanak Litterario e Estatistico do Rio Grande do Sul. Rio Grande: Editores Pintos & Comp., 1902. P. 29. (Acervo da Biblioteca Nacional)

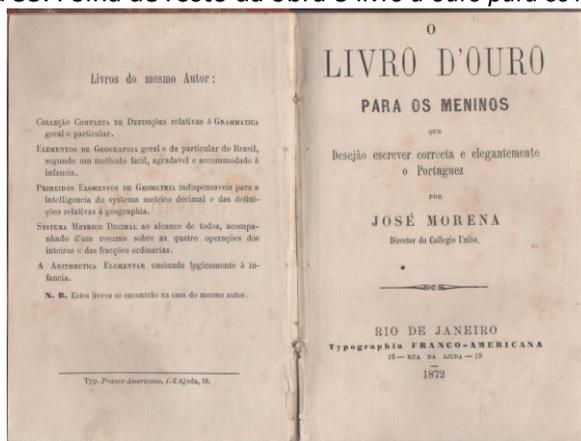
Figura 32: Página e excerto do jornal *A Federação: Orgam do Partido Republicado (RS)*



Fonte: *A Federação: Orgam do Partido Republicado (RS)*. Porto Alegre, no. 226, 29 de setembro de 1922, p. 1. (Acervo da Biblioteca Nacional)

Além dos registros que nos dão notícia de sua destacada atuação docente e de sua trajetória na gestão escolar como diretor, foi identificada, no acervo da Biblioteca Rio-Grandense uma obra¹⁷ publicada por José Morena, em 1872, na época em que estava na direção do Collegio União. Trata-se de um livro voltado para jovens – provavelmente para os alunos matriculados no próprio colégio que ele dirigia – com o objetivo de oferecer subsídios para aqueles que “desejão escrever correcta e elegantemente o Portuguez”. No mesmo livro, podemos encontrar os demais títulos publicados pelo mesmo autor até aquele ano, voltados, sobretudo, para o público infantil. Trata-se de obras sobre temas variados e comuns ao ambiente escolar, tais como gramática – a exemplo do manuscrito produzido por ele, além de geografia, geometria e aritmética (Fig. 33).

Figura 33: Folha de rosto da obra *O livro d’ouro para os meninos*



Fonte: Acervo da Biblioteca Rio-Grandense

¹⁷ A localização dessa obra e dos exemplares do Diário do Rio Grande no acervo da Biblioteca Rio-Grandense, bem como a digitalização dos mesmos foram possíveis graças ao auxílio do funcionário Marcos a quem registro o agradecimento.

O cruzamento dos dados obtidos a partir da análise da *Grammatica Portugetza-Italiana* com aqueles alcançados por ocasião da construção dos dados biográficos de seu autor – José Morena – corroboram a ideia de que o manuscrito foi produzido por um estudioso da língua que, por ter um atuação docente significativa, tornava-o sensível a todas as implicações presentes no processo de ensino e aprendizagem de uma língua e também levava-o a ter uma visão particular sobre o aprendiz que se traduziu em uma preocupação constante em buscar meios que pudessem facilitar o aprendizado da nova língua.

- Conclusão

À título de conclusão, podemos afirmar que a obra de Morena, a *Grammatica Portugetza-Italiana*, pode ser considerada um reflexo concreto da história da linguística (Swiggers, 2013), mais especialmente da história de ensino de Língua Estrangeira no Brasil, sendo, portanto, uma fonte de estudo sobre as ideias e práticas linguísticas vigentes em um determinado tempo e contexto.

Tal como uma janela que se abre para a possibilidade de investigação de um dado tempo, a análise da obra e do discurso de seu autor e daqueles a quem ele deu voz através do emprego das diversas citações permitiu-nos ter acesso aos contextos e situações representados, aos valores e às crenças desse autor – que, por sua vez, retrataram visões vigentes em seu tempo – sobre língua, ensino, aprendizagem e cultura, por exemplo.

Tendo em vista o exposto, acreditamos na importância de termos revelado a visão de José Morena e de termos trazido manuscrito para a pauta da discussão sobre a história dos estudos linguísticos e, mais especialmente, das metodologias de ensino de língua estrangeira.

- Referências Bibliográficas

A Federação: Orgam do Partido Republicado (RS). Porto Alegre, no. 226, 29 de setembro de 1922.

ALMEIDA, P. M. C. de. **Materiais didáticos de português para estrangeiros editados no Brasil: proposta de uma nova cronologia**. 2011. Pesquisa de Pós-doutoramento - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

ALMEIDA, P. & JUDICE, N. Do novo mundo ao mundo novo: o ensino de português a estrangeiros no Brasil. In: ALVAREZ, Maria Luiza Ortiz & GONÇALVES, Luis (orgs.). **O mundo do português e o português no mundo afora: especificidades, implicações e ações**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 265-292.

ALTMAN, C. Retrospectivas e perspectivas da historiografia linguística no Brasil. **Revista argentina de historiografia linguística**, 1, 2, p. 115-136, 2009. <www.rahl.com.ar>

ALTMAN, C. História, estórias e historiografia da linguística brasileira. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 14-37, 2012.

ANDRADA, J. F. **Vida de Dom João de Castro quarto Viso-Rey da India**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1651.

ARRIADA, E. **A educação secundária na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: a desoficialização do ensino público**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

BORDO, A. **Diccionario italiano-portuguez e portuguez-italiano / Dizionario portoghese-italiano e italiano-portoghese**. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1853-1854

CORTICELLI, S. **Regole ed osservazioni della lingua toscana ridotte a metodo per uso del Seminario di Bologna**. Bologna: Stamperia de Lelio dalla Volpe, 1745.

DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 6 de janeiro de 1861

FERREIRA, O. C. **Imagem e letra: Introdução à Bibliologia brasileira – imagem gravada**. 2ª. Ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

GODOY, R. P. **Processos de formação do acervo da biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes e seu uso como material didático (1834 – 1857)**. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

GONÇALVES, E. M. **Estudo das estruturas das encadernações de livros do século XIX na coleção Rui Barbosa: uma contribuição para a conservação-restauração de livros raros no Brasil**. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

HALLEWELL, L. **O livro no Brasil: sua história**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

JÚDICE, N.; ALMEIDA, P. Revisitando um livro didático de Português do Brasil para estrangeiros da década de 40. In: JUDICE, N.; TROUCHE, L. (Orgs.) **Ensino de língua estrangeira: português em debate**. Niterói: UFF, 2006.

KOERNER, Konrad. **Professing Linguistic Historiography**. John Benjamin Amsterdam/Philadelphia, 1995

LESSA, F. P. **A bandeira nacional brasileira**. Conferência realizada na Liga de Defesa Nacional, em 18 de setembro de 1930 e publicada no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, em 28 de setembro de 1930.

LUZ, M. **A história dos símbolos nacionais: a bandeira, o brasão, o selo, o hino**. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 1999 (1ª edição). Reimpressão, 2005.

MACHADO, U. **Pequeno guia histórico das livrarias brasileiras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

MAGALHÃES, D. J. G. de. **A Confederação dos Tamoyos – Poema**. Rio de Janeiro: Empreza Typog. Dous de Dezembro, 1856.

MALKIEL, Y. History and histories of linguistics. **Romance Philology**, v. 22, p. 530-566, 1969

MÁRSICO, M. A. V. **Um panorama sobre a evolução histórica da encadernação**. Disponível em
<http://planorweb.bn.br/documentos/historia_bibliotecas/panorama_evolucao_historica_e_ncadernacao.pdf> Acesso em 9 de abril de 2018.

MORAES, R. B. **bibliófilo aprendiz**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2. ed., revista e aumentada, 1975.

MORENA, J. **Grammatica Portugueza-Italiana**. S.l. s.n., 18—

MORENA, J. **O livro d'ouro para os meninos que desejão escrever correcta e elegantemente o Portuguez**. Rio de Janeiro: TypograPHia Franco-Americana, 1872.

ORNELLAS, R. **Caldeirão de Bruxas: de como Macbeth virou Irmãs do Tempo**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

POTTKER, G. **Ex Libris - Resgatando marcas bibliográficas no Brasil**. 2006. Monografia (Design Gráfico) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, 2006.

PUOTI, B. **Regole elementari della lingua italiana**. Roma: Tipografia delle Scienze, 1839.

RELATÓRIO da Inspeção Geral da Instrução Pública da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Dr. José Bernardino da Cunha Bittencourt. Porto Alegre: Tipografia do Constitucional, 1873. [Anexo a Fala, 1873].

RIBEIRO, C. **Brazões e bandeiras do Brasil**. São Paulo: São Paulo Editora Lda., 1933.

RODRIGUES, A. F.. **Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul**. Rio Grande: Editores Pintos & Comp., 1902.

SERPA, A. de. **Poesias**. Lisboa: Typographia da Revista Popular, 1852.

SILVA, R. P. da & SILVA, M. A. P. da. Notas introdutórias sobre a história da educação no município do rio grande e a escola da Fábrica Rheingantz. In: **Momento**, ISSN 0102-2717, v. 25, n. 2, p. 159-198, jul./dez. 2016.

STORMS, M. **Lombaerts, Jean-Baptiste e Henri Gustave**. Disponível em <<http://www.belgianclub.com.br/pt-br/creator/lombaerts-jean-baptiste-e-henri-gustave>> Acesso em 9 de abril de 2018.

SWIGGERS, P. "Portraits of Linguistics" Anno 1927. **Historiographia Linguistica**, v. 1/2, p. 175-177, 1982.

SWIGGERS, P.. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. In: **Confluência – Revista do Instituto de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Números 44 – 45, pp. 39-59, 2013. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/1171.pdf> Acesso em 9 de abril de 2018.

SWIGGERS, P. Aspects méthodologiques du travail de l'historien de l'enseignement du français langue étrangère ou seconde. In: **Documents pour l'histoire du français langue étrangère ou seconde**. Saint Cloud, 21, pp. 34-52, 1998. Disponível em: <http://fle.asso.free.fr/sihfiles/Documents/Documents%2021%20corrig%E9/Documents%2021%20on-line%20PDF%20corrig%E9/e%20D21%20swiggers.pdf> Acesso em 9 de abril de 2018.

TEIXEIRA, V. B. **A instrução da mocidade rio-grandina: o ensino secundário na cidade do Rio Grande/RS (1850-1889)**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2017